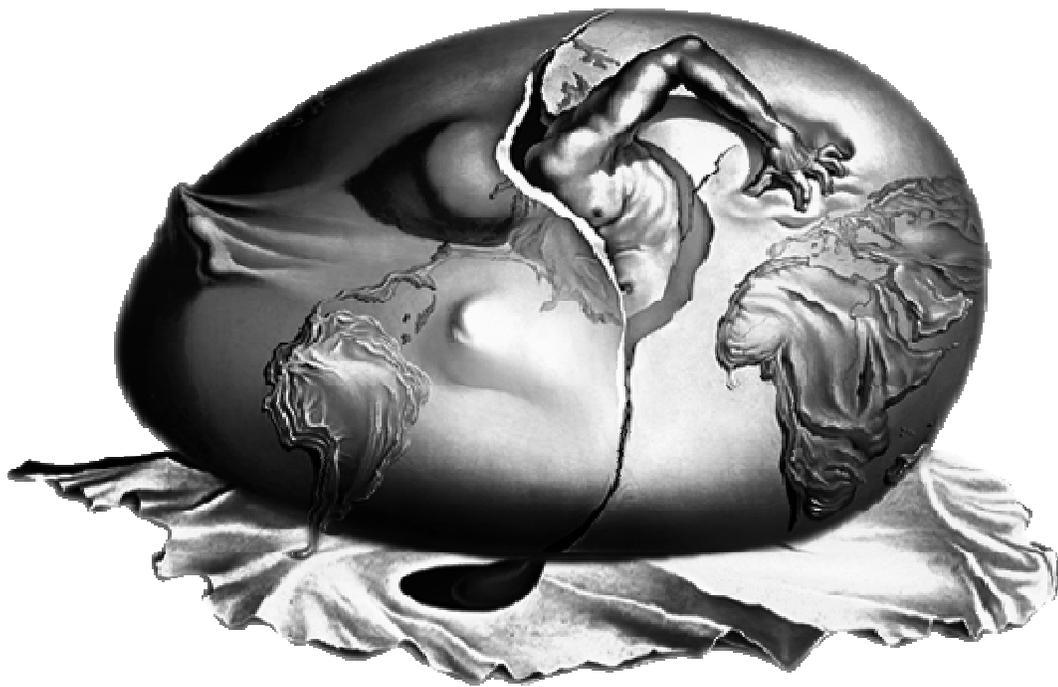


BOLETIM ***PRESENÇA***

ANO II, nº 04, 1995



UNIR

MITO E PRESERVAÇÃO AMBIENTAL

JOSUÉ DA COSTA SILVA*

Resumo

O espaço, que antes do homem era abstrato, obscuro e temeroso, caos e potência, passa a ser o corpo externo da sua existência social, um dos seus fundamentos; a mata conterà as marcas para sua locomoção; as árvores, rochedos, rios, serão pontos de referência; os igarapés e lagos terão significados relacionados à espécies de peixes; cada local de busca de alimento será classificado conforme o período de reprodução das espécies e outras classificações. As matas e as águas apresentarão seus deuses e protetores: é o Curupira, o Mapinguari, a Matinta Perêra, a Cobra Grande, o Boto e muitos outros. Neste momento, o espaço rompe por completo com a indiferença, a insegurança, o temor. Já não é mais um espaço desconhecido. É algo mais. É a segurança, é o aconchego, onde seus mortos estão sepultados. É um "lugar". Quando perguntamos respondem sem hesitação: "aqui é o meu lugar". Antes do lugar, não existia natureza.

Palavras-Chave: Mito, Segurança e Lugar

Abstract

The space, that before the man it was abstract, obscure and fearful, chaos and potency, becomes the external body of your social existence, one of your foundations; the forest will contain the marks for your locomotion; the trees, rochedos, rivers, will be point of reference; the igarapés and lakes will have meanings related to species of fish; each place of food search will be classified according to the period of reproduction of the species and other classifications. The forests and the waters will introduce your gods and protecting: it is Curupira, Mapinguari, Matinta Perêra, the Big Snake, the Hindu priest and many other. At this time, the space breaks up entirely with the indifference, the insecurity, the fear. No longer it is one more unknown space. It is more something. It is the safety, it is the shelter, where your deads are buried. It is a " place ". When we asked they answer without hesitation: " here it is my place ". before the place, nature didn't exist.

Words-KeY: Myth, Safety and Place

Pensar a organização espacial de um grupo social como os ribeirinhos, é descobrir uma pluralidade de fatores que contribuem para a caracterização e formação de determinada paisagem. Esses fatores têm diversas formas de se apresentarem, quer seja: psicológica, moral, ecológica, econômica, política ou mítica.

Um conjunto rico de informações, experiências, vidas, irá modelar o imaginário social do grupo que terá a capacidade de congregar os valores, a interpretação, a estratégia de sobrevivência e a visão de mundo que possuem. O grupo social estará "equipado" para apresentar seu projeto de natureza, ao criá-lo enquanto resultado da *práxis*. Esse "projeto de natureza" além de reunir dados classificatórios, traz também os mecanismos que propiciam a preservação das espécies já que isto irá garantir a sobrevivência do grupo. As informações para a manutenção do funcionamento do "ciclo da natureza", serão colhidas da observação cotidiana, transmitidas e aperfeiçoadas ao longo das gerações. Esse homem ribeirinho irá pensar a natureza como uma aliada de sua rotina.

Assim, a natureza passa a ser humanizada, desmistificada, ou seja, desnuda de seus mistérios e incorporada por novos significados. Passa a ocorrer em alguns momentos, a sacralização da paisagem. A "mata", o "rio" passam a ter um significado especial para esse grupo. É a "mata" e o "rio" desse grupo. Em outras palavras, tornam-se criações.

O espaço, repleto de significados, é uma criação do homem. Esse espaço terá sua forma dada por um "Homem-que-pensa" e sente, por um "homem produtor", por um "homem habitante". A compreensão desta criação torna-se possível quando nos despreendemos dos aspectos aparentes dessa paisagem, quando vemos além das relações de trabalho.

Depois de estabelecidas as relações humanas e as tecnologias de sobrevivência e vida, o espaço, a natureza parecerão independentes da sociedade e de sua ação criadora. Parecerão anteriores. No entanto, natureza antes da *práxis* é pura metafísica. Aquilo que depois é natural, é um aspecto da própria *práxis*. Algo que desprega para ter existência própria. Esse algo podemos chamar "espaço", "ambiente", "natureza", "cosmo".

O espaço, que antes do homem era abstrato, obscuro e temeroso, caos e potência, passa a ser o corpo externo da sua existência social, um dos seus

fundamentos; a mata conterà as marcas para sua locomoção; as árvores, rochedos, rios, serão pontos de referência; os igarapés e lagos terão significados relacionados à espécies de peixes; cada local de busca de alimento será classificado conforme o período de reprodução das espécies e outras classificações. As matas e as águas apresentarão seus deuses e protetores: é o Curupira, o Mapinguari, a Matinta Perêra, a Cobra Grande, o Boto e muitos outros. Neste momento, o espaço rompe por completo com a indiferença, a insegurança, o temor. Já não é mais um espaço desconhecido. É algo mais. É a segurança, é o aconchego, onde seus mortos estão sepultados. É um "lugar". Quando perguntamos respondem sem hesitação: "aqui é o meu lugar". Antes do lugar, não existia natureza.

A organização do espaço concretiza o modo de pensar do grupo, do conhecimento de seus valores e sua visão de mundo. Esse espaço é a expressão viva do humano. Tais questões tornam-se mais significativas quando analisamos grupos sociais que ainda não foram inteiramente cooptados pela sociedade de consumo.

Destes grupos sociais, certamente fazem parte os seringueiros, os caboclos e ribeirinhos da Amazônia, que vivem a realidade das matas e das águas com todos os seus significados. Tais grupos não vivem isolados do mundo urbano, entretanto mantêm uma relação com o seu meio mediada por relações míticas e com uma percepção aguçada dos mecanismos de funcionamento da natureza.

A Cobra Grande mítica se faz presente na vida dos moradores como uma guardiã de seus destinos. Visível para alguns, irreal para outros, porém, reverenciada com respeito pela maioria, fixa morada em local denominado de "Poço Preto" onde ninguém faz idéia da profundidade, embora todos os lagos tenham o cálculo de sua profundidade estimada. Animal gigantesco, poderoso, deixou-se ser visto para ganhar forma na lenda: enquanto pescavam nas proximidades do Poço Preto, os dois observavam a tranquilidade das águas do lago, era final de tarde, o sol ainda presente, só viram o "banzeiro", então disseram um ao outro: "É a Cobra do Poço Preto" e saíram de lá remando o mais depressa que podiam. Este relato, é o suficiente para reafirmar a existência da

Cobra Grande. Qualquer morador de Cuniã conta a história dos homens que viram a Cobra Grande do Poço Preto.

Esta "aparição" da Cobra Grande, aconteceu no início da década de oitenta, período em que circulou as primeiras notícias de desapropriação do lugar. O mito de criação também sofreu modificações neste período, o relato do encanto de "Cunhã" terminava afirmando que se a Cobra Grande fosse incomodada e saísse de seu lugar, os lagos secariam. Ao mito fora acrescentado que se o moradores saíssem do local, os lagos também secariam. Fica claro que os moradores não cogitavam, antes da década de oitenta, a menor possibilidade de serem expulsos, logo, era improvável que antes do conflito eles tivessem cogitado o fato de serem expulsos de seu lugar.

Aparentemente, ao ser cogitada a saída de seu lugar, a comunidade que não possuía documentos de suas terras, não sabia quais hectares lhes pertencia, precisava provar que há muito tempo ocupava o local, para ser mais preciso, desde os primeiros contatos dos seringueiros com os índios. Havia então necessidade de explicar que o local onde habitavam, dependia de sua presença, pois caso saíssem, os lagos secariam, a fartura de alimentos desapareceria e a beleza do lugar perderia o seu "encante".

O mito está absolutamente correto, tudo se encantar, o espaço mapeado e codificado pela vida cotidiana, a lembrança de seus pais ensinando os segredos das águas e das matas será desvinculada de seus referenciais, a vida terá que ser reconstituída em outro espaço ao longo de outro tempo.

O mito não é estático, não é algo pronto e acabado, ao contrário, está se renovando sempre que lhe dêem novos significados. Dessa forma, o mito é uma linguagem que transmite uma mensagem codificada, criada e amadurecida. Entretanto, para esses moradores, não é a única forma de expressão da comunidade.

Seria ingenuidade imaginar que o mito pudesse ser a panacéia que resolveria seus próprios problemas. A organização da comunidade em Associação é um veículo de reivindicação, a atuação política junto a parlamentares é uma outra. A interpretação mítica é um acréscimo incorporado nas estratégias traçadas para permanecer no local.

A medida em que a comunidade chama o mito da Cobra Grande do Poço Preto ao banco de testemunhas como estratégia de sua defesa, demonstra que o mito pode ser um depositário dos códigos criados para sua orientação no mundo, afirmação de sua cultura, organização social e instrumento de registro da história do grupo.

O conflito vivenciado pelos moradores, expôs suas estratégias de sobrevivência, foram buscar nas mais diferentes formas os argumentos necessários a sua permanência em Cuniã. Construiu-se um discurso de preservação do meio ambiente. Discurso criado de seu cotidiano. A cultura indígena é resgatada e ajuda a provar sua temporalidade. Assemelham seu modo de vida aos dos índios. Procuram demonstrar que as suas ações desenvolvidas em defesa do meio ambiente são mais efetivas do que os planejamentos governamentais.

O tempo de vivência desses moradores com o meio ambiente vai transformar o espaço, incorporando as suas experiências, os experimentos, suas emoções ficam gravadas na terra, nas árvores, nas águas. Este espaço deixa de ser uma mera localização, passa a constituir-se de elementos sagrados. É onde encontram-se com seus antepassados, as marcas de seus antepassados.

O espaço vai sendo construído e transformam-se em algo que oferece o aconchego, a segurança, a fartura. É o lar, é o seu lugar. Repleto de significados, e quando dizem: "aqui é o meu lugar", falam com a intensidade que inclui todos estes fatores. Com isso, transformam a natureza humanizando-a.

O pensamento apaziguador é criado, o ritual de convivência é executado e os acordos com o boto, o curupira, a mãe da seringueira, a mãe d'água são estabelecidos. Sair desse lugar é abandonar todas essas construções. O IBAMA, jamais compreenderia.

BIBLIOGRAFIA:

- SILVA, J.C. e outros. ***Cuniã: Uma Comunidade Ameaçada***. Porto Velho/RO. mimeo. 1992.
- SILVA, J.C. ***Cuniã: Mito e Lugar***. Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP, SP, mimeo., 1994.

***Professor do Departamento de Geografia-UNIR Membro do Centro do Imaginário Social**